

Negociações complicadas entre RJ e Itaú

Enio Vieira
de Brasília

O governo do Rio de Janeiro está negoclando com o Banco Itaú a transferência de R\$ 3 bilhões, destinados a aposentadorias do Banerj, para o Tesouro estadual. Essa é a condição que o governador Anthony Garotinho (PDT) está impondo para assinar com o Tesouro Nacional o contrato de renegociação por 30 anos da dívida fluminense. "Ninguém está querendo ceder em suas posições, mas esse acordo tem que ser firmado até o fim do ano", disse o senador Ney Suassuna (PMDB-PB), presidente da Comissão de Assuntos Econômicos (CAE).

A preocupação está nos R\$ 10 bilhões em títulos públicos do Rio de Janeiro que estão na carteira de investimentos do Banco do Brasil. Garotinho pressiona o governo ameaçando não honrar estes papéis, e a questão dos R\$ 3 bilhões é o único ainda não acordado. Se o estado se tornar inadimplente de uma parcela de R\$ 100 milhões, por exemplo, todo o estoque perde valor de mercado. "A questão é complexa, mas não é um impasse", afirma Carlos Eduardo de Freitas, diretor do Banco Central responsável pela privatização dos bancos estaduais.

Freitas informou que os técnicos do BC vão tentar dimensionar os riscos para o Itaú com a eventual operação. O banco comprou o Banerj por R\$ 300 milhões sem a responsabilidade por futuras aposentadorias e de questões trabalhistas. Neste último caso, foi criada uma conta de R\$ 1,5 bilhão para esses compromissos. "O que queremos ver são as consequências financeiras para o Itaú", ressaltou o diretor, lembrando que a decisão final ficará com a Fazenda. Ontem ele teve uma reunião com o presidente da CAE para receber informações do assunto.

"Falei com o Olavo Setúbal (presidente do conselho do Itaú). Ele disse que tem vontade de resolver o assunto, mas quer garantias de que o banco não ficará com riscos", contou Suassuna.
